

Os recordes agrícolas devem ser ultrapassados!

JOSÉ NORIVAL AUGUSTI
jangusti@terra.com.br

Os recordes agrícolas e os índices de produtividade na agricultura nos tempos atuais devem e necessitam ser alcançados e ultrapassados por motivo econômico e para que o produtor rural mantenha-se na atividade.

Não é de hoje que a produtividade é encarada com peça chave na manutenção das atividades econômicas, sejam elas industriais, rurais, ou mesmo no setor de serviços.

No Ministério da Agricultura o tema produtividade dos produtos agropecuários sempre foi motivo de preocupação de seus técnicos e dirigentes. O engenheiro agrônomo José Gomes da Silva, assessor de reforma agrária do marechal Castelo Branco, introduziu o conceito de produtividade nas lavouras e criações, como fator de desapropriação de terras, e criou o conceito de terras improdutivas ou de baixa produtividade das fazendas, que tornava-as sujeitas à reforma

agrária. O conceito do dr. Gomes da Silva, com pequenas variações, é usado até hoje como critério de desapropriação de terras.

A agricultura de São Paulo tem um dos melhores índices de produtividade em algumas culturas e criações no Brasil atualmente, mas na época (1959/60), na região e no município de Taquarituba, o índice de produtividade do milho era muito baixo para as boas terras do município, que em sua maior parte eram de primeira qualidade (terra roxa e roxa misturada).

José Carlos Rosa, nascido em Tietê, engenheiro agrônomo, e agrônomo regional da Casa da Lavoura (depois Agricultura) de Taquarituba, no ano agrícola de 1959/62, foi o criador e formulador do concurso de produtividade de milho “O melhor produtor de Milho de Taquarituba”, para estimular a melhora da produtividade com mais e melhores técnicas de produção.

Os comerciantes da cidade tipicamente agrícola, dependente da produção de milho e de por-

cos, financiaram a criação de uma espiga folhada a ouro, 18 quilates, moldada e fundida na Escola de Artes e Ofícios de São Paulo, pelo engenheiro agrônomo José C. Rosa, e a agência do Banco Brasileiro de Descontos doou uma Deusa Ceres, de bronze, com 55 centímetros, ao campeão de produtividade. Os dois troféus eram transitórios, e ficavam com o produtor que fosse campeão por três anos seguidos ou cinco alternados.

Baseado nele, muitos cursos de produtividade foram criados pelo Brasil afora e, na década de 70, a Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo criou vários concursos de produtividade de milho, arroz, feijão e outros como forma de incentivar a produtividade das culturas e introduzir técnicas modernas de produção agropecuária.

Naquele concurso inédito no Brasil, e em São Paulo, os produtores inscreviam-se antes do início do plantio, e as colheitas eram feitas com fiscais nomea-

dos por uma comissão.

Os dois troféus — Deusa Ceres e a espiga de ouro — foram ganhos pelo produtor do bairro das Palmeiras, onde o produtor Osvaldo Castelucci tem terras, e serviram para demonstrar que os pequenos produtores rurais, podiam produzir 166,60 sacos por hectare (ou 403,2 sacas/alqueire), desde que usassem técnicas modernas de produção.

A estátua da Deusa Ceres, do Pedro Bueno Rodrigues, foi doada a nos recentemente e a doamos para a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, para que José Carlos Rosa e seu concurso sejam lembrados.

O diretor da Esalq, professor Antonio Roque Dechen, colocou a Deusa Ceres na mesa de reuniões da diretoria, valorizando o trabalho de assistência técnica do engenheiro agrônomo, e a Esalq por um de seus filhos, o engenheiro José Carlos Rosa.

José NORIVAL AUGUSTI é engenheiro agrônomo